



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

ANAIS ELETRÔNICOS

25 a 27 de abril
UEMG/CEFET-MG
Belo Horizonte (MG)

20
17

O CURRÍCULO DE HISTÓRIA LOCAL E O MUSEU DA CIDADE: INTERFACES POTECIALIZADORAS DE NOVOS TEXTOS E PRÁTICAS¹

Lucinei Pereira da Silva²
Lana Mara de Castro Siman³
Araci Rodrigues Coelho⁴

- Resumo

Este estudo apresenta os resultados parciais de uma investigação que está sendo desenvolvida no Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), cujo problema de pesquisa diz respeito à elucidação de como tem se configurado a relação entre o Museu da Cidade e o currículo de História Local, proposto pela Rede Municipal de Governador Valadares/MG em 2010, que se estrutura em torno dos conceitos de Identidade e Diversidade e que enfatiza o respeito às diferenças, a construção do sentimento de pertença e a ética como fundamento de postura e valores. Perguntamo-nos, mais especificamente, quais os efeitos que essa relação tem promovido nos discursos e práticas dos professores? Essa relação tem contribuído para uma redefinição das narrativas a respeito da história local ou têm contribuído fundamentalmente para enaltecer as ações e interesses de grupos dominantes na história da localidade, reforçando a invisibilidade das ações e interesses de outros grupos sociais como indígenas, os trabalhadores da ferrovia, benzedeiros, parteiras e lavadeiras de roupas dentre outros? Ancorado nessas indagações, ao propormos discutir o estudo da localidade como elemento essencial para a compreensão de questões curriculares, avançou-se em pensar que a cidade poderá desencadear novas articulações entre os jovens e o cenário urbano, apontando para seu potencial educativo. E o Museu da Cidade nesse contexto, pode assumir importante papel educativo na medida em que proporciona signos e mediações que facilitem a compreensão de memórias de experiências vividas nos seus antagonismos, disputas e lutas de interesses. Por essa vereda, levantamos a hipótese de que quando a relação de aproximação entre museu da cidade e currículo de história local se faz de maneira crítica e sensível, um pode influenciar o outro na produção de novas narrativas e práticas educativas. Um de nossos procedimentos metodológicos já realizados consistiu de um levantamento quantitativo de visitas ao Museu da Cidade no período de 2009 a 2016 e de uma entrevista com o gerente do museu. No levantamento quantitativo nosso interesse consistiu em averiguar se após 2010 (ano de implantação da escola de tempo integral e da formulação curricular) teria havido maior procura dos professores de História da Rede Municipal de Governador Valadares pelo museu; quais escolas e quantas vezes teriam visitado a instituição. A partir desses dados, os próximos passos de nossa pesquisa será a realização de entrevistas com professores dessas

1 Pesquisa em andamento vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

2 Mestrando em Educação – Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

3 Doutora em Didática da História pela Université Laval/Canadá e Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

4 Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora no Centro Pedagógico UFMG. E-mail: lucinei.pereira28@gmail.com

escolas e a seguir, escolher uma, para observação da prática curricular antes e após a visita ao museu. A entrevista com o gerente do Museu da Cidade teve o intuito de possibilitar tanto o entendimento de como se dá a dinâmica das visitas, como também nos fornecer informações sobre o acervo, garantindo-nos melhor compreensão da narrativa do museu. Assim, as primeiras conclusões mediante os dados já coletados, apontaram que, a maior procura dos professores de História pelo Museu da Cidade se deu em momentos pontuais, observados principalmente após algumas tentativas de aproximação que partiram do próprio museu, sobretudo após o ano de 2012. Cabe-nos no transcurso dessa pesquisa, investigar em maior profundidade qual a potencialidade e as confluências entre a prática curricular de História Local realizada pelos professores e o Museu da Cidade.

Palavras-chave: potencialidades curriculares; história local; museu da cidade.

- Considerações iniciais

Este texto percorre nossas primeiras travessias investigativas em torno do problema de pesquisa, cujo intuito se constitui em refletir sobre as possíveis confluências e aproximações entre o currículo proposto pela Rede Municipal de Governador Valadares/MG que tem como preocupação central o ensino da localidade e o Museu da Cidade.

Em 2010, foi criada a Escola de Tempo Integral, e com a ampliação da jornada escolar de 4 horas e 30 minutos para 8 horas diárias de aula em toda a rede, um novo currículo foi criado pela Secretaria de Educação com diretrizes que levassem em conta a necessidade deste novo formato escolar. As Diretrizes Curriculares da Rede Municipal estruturam-se em conceitos de Identidade e Diversidade e enfatizaram o respeito às diferenças, à construção do sentimento de pertença e de ética como fundamento de postura e valores.

Foram criados cadernos temáticos que ao final consta a “Tabela curricular por etapas de desenvolvimento”⁵. No caso da disciplina de História, que foi agrupada juntamente com a disciplina de Educação Física e Educação Religiosa no eixo denominado “Identidade e Diversidade”, verificou-se a obrigatoriedade de trabalhar conteúdos referentes a localidade, enfatizando temáticas como patrimônios, cultura popular/local e memória oral, e para isso observa-se como sugestão neste documento as visitas ao Museu da Cidade. Sobre o conceito diversidade, as diretrizes curriculares do município elucidam que “devemos trabalhar para que a diversidade seja uma dimensão constitutiva do currículo e também do planejamento das ações e das relações estabelecidas na escola” (SMED – Secretaria Municipal de Educação de Governador Valadares, 2010 p. 11).

Portanto, as questões basilares do estudo aqui apresentado, se configura em apresentar os primeiros resultados de nossa pesquisa de mestrado, que se assenta em compreender e analisar as possíveis aproximações e confluências entre as práticas dos professores de História da Rede Municipal de Governador Valadares e o Museu da Cidade.

5 A parte final do Caderno Temático é dividida em faixas etárias e em conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. Enfatiza o estudo da localidade especialmente a história de Governador Valadares.

As reflexões sobre o histórico da cidade de Governador Valadares, na segunda parte do texto, traduzem o nosso esforço em visualizar e entender de que forma as disputas identitárias da localidade podem estar presentes através dos objetos expostos e qualificar nosso olhar sobre as memórias preservadas ou não no Museu da Cidade.

Para efetivação de nosso caminho metodológico utilizaremos de um levantamento quantitativo de visitas ao Museu da Cidade no período de 2009 a 2016 e de uma entrevista com o gerente do museu, cujo objetivo se configura em possibilitar melhor entendimento de como se dá a dinâmica das visitas, como também em nos fornecer informações sobre o acervo.

- Primeiros “mergulhos” investigativos no movimento de construção da pesquisa

O princípio foi este: dirigir-me ao Museu da Cidade, em janeiro de 2017, tempo de férias escolares, sol e descanso. Pouco movimento na cidade, poucos também os visitantes observados durante os cinco dias em que pesquisei na instituição. Entre os vários cadernos de visita assinados por alunos e visitantes externos, iniciei os primeiros “mergulhos”, buscas, insurreições. Tal movimento parece ilustrar, ainda que de forma simplista, os primeiros achados e os primeiros desafios encontrados nesse mar de tempestade e brisa, que se constitui a pesquisa.

Inicialmente, queria com o levantamento de visitas ao Museu da Cidade⁶ observar se a partir de 2010 - ano de implantação da escola de tempo integral e da formulação curricular; houve maior procura pelas escolas municipais de Governador Valadares a instituição. Num primeiro momento, esperava que após a formulação do currículo de História pautado no estudo da localidade o Museu da Cidade seria procurado com maior frequência pelos professores, por entender este lugar como importante espaço de reflexões e deciframentos da história local.

No entanto, deparei-me com a ocorrência de variáveis no decorrer dos anos. Ou seja, a partir de 2010, observei ascendências e descendências de vistas, que me fez supor inicialmente, ser em decorrência da falta de transporte para os alunos, suspensão de visitas ocasionadas por reformas ou mudanças no museu, algum fenômeno natural ou desastre que tenha ocorrido na cidade, dentre outros. Então, os dados quantitativos não se mostravam mais como elemento que me permitisse o entendimento sobre quais os efeitos potencializadores do currículo de História Local instigaram os professores de História a levarem seus alunos ao Museu da Cidade, mas como ponto de partida para a compreensão sobre quais as correlações e intercessões pode ocorrer entre currículo/museu e o resultado dessa ação na prática docente.

Todavia, o interesse pelos dados quantitativos tomou outro rumo, levou-me a realizar novo “mergulho” no processo de incursão investigativa. Na verdade, a partir daí, os dados poderiam oferecer-me pormenores, sintomas e outros indícios imperceptíveis das questões a serem tratadas (Ginzburg, 1998). Poderiam fazer aflorar maior proximidade com o campo de estudo

6 Segundo informações de funcionários, o Museu da Cidade foi criado em 1983, mas em nossa pesquisa na instituição não foi encontrado nenhum decreto ou lei de criação. O museu se encontra hoje em uma residência alugada no centro da cidade.

e sustentar os primeiros delineamentos metodológicos. De fato, as pistas me permitiriam levantar as primeiras hipóteses e “clarear” os próximos procedimentos a serem realizados.

Importa salientar que, não se faz como principal mensurar através de dados estatísticos as visitas ao Museu da Cidade e nem tabular as unidades levantadas, mas enriquecer nosso escopo e tomar decisões, sobre quais professores investigar e qual escola servirá de campo empírico em nosso estudo posteriormente. Desse modo, os dados quantitativos levantados na fase inicial da pesquisa, se constituem como um procedimento importante para se verificar quais anos houve maior procura ao Museu da Cidade pelas escolas municipais e quais os fatores que levaram a essa maior incidência de visitas. E nesse contexto, entender quais relações, influências e intercessões ocorrem entre o currículo de História Local e o museu.

A pesquisa com levantamento quantitativo, diferente do caráter qualitativo, que se presta em captar as diferentes experiências vividas pelos sujeitos, permite-nos “colher o instantâneo” e o movimento astucioso da realidade e fornecer por meio de medidas objetivas a interpretação do fenômeno. No entanto, Marques (1997, p.23) sustenta que,

[...] a abordagem quantitativa é parcial e seus dados podem ser pobres de significação, por outro lado, os dados quantitativos podem fornecer informações importantes para a análise e a interpretação de uma certa realidade, pois permitem sugerir hipóteses qualitativas acerca de fatos quantitativamente indicados.

Atentei-me às assinaturas de alunos oriundos das escolas municipais da zona urbana e que tenham como segmento de ensino os anos finais do Ensino Fundamental⁷. Os cadernos de visita do Museu da Cidade estavam divididos em *Nome*, *Procedência* e *Data*. Nesse percurso, o primeiro desafio encontrado foi constatar que muitos alunos no campo *Procedência*, no lugar de escreverem sua escola de origem, colocaram *Governador Valadares*, como cidade de origem, seguindo a tendência dos visitantes externos. Dessa forma, precisei descartar essas assinaturas do levantamento quantitativo, por não ter certeza da escola de origem desses alunos e considerar apenas as assinaturas que constasse o nome da escola como procedência.

O ponto inicial do levantamento foi 2009, ano anterior à criação do currículo de História Local denominado *Identidade e Diversidade*. Conforme a Tabela 1 produzida por nós com o objetivo de sistematizar os dados colhidos neste levantamento, este foi um ano de relativa procura das escolas ao Museu da Cidade. Em uma média geral, sete escolas levaram 653 alunos. Um destaque também é o ano de 2010, com apenas cinco escolas e 126 alunos visitantes. Podemos levantar a hipótese que, no ano de criação da escola de tempo integral, houve vários fatores que dificultaram uma maior procura das escolas ao museu. Uma delas, por exemplo, é a própria organização das escolas para receberem os alunos em uma jornada ampliada. Muitas escolas não tinham espaço na sede para a manutenção das aulas de todos os alunos em mesmo turno. Dessa forma, observamos que a preocupação central das escolas nesse momento era dar prioridade as novas demandas exigidas pela escola em tempo integral, que era adequar os espaços e funções e não especificamente pôr em prática as novas diretrizes curriculares.

7 Segundo informações da Secretaria Municipal de Educação há 17 escolas em 2017 com Anos Finais do Ensino Fundamental na zona urbana. Informações levantadas junto à secretaria em março de 2017.

TABELA 1. Levantamento quantitativo de visitas das escolas municipais ao Museu da Cidade – 2009 a 2016

Escolas	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total de alunos	Total de visitas/ano
EM Pio XII	125			55	27		71	38	316	5
EM Duque de Caxias	22			21	31		158		232	4
EM Helvécio Dahe	88	14		29			66	21	218	5
EM Maria Elvira Nascimento	76	30			24	24	82		236	5
EM Professor Teotônio Vilela	104		123		31	17	77	58	410	6
EM Reverendo Sillas Crespo	171				69		59		299	3
EM Santos Dumont		31	42		20		118		211	4
EM Chico Mendes		27	16		31		23	23	97	5
EM Ivo Tassis		24			31	26	116	51	248	5
EM Adelia Ribas			19	73	27		74		193	4
EM Olegário Maciel	67		549		29		55	51	751	5
EM Vereador Hamilton Teodoro			25	50	35	64	104	23	301	6
EM Marilourdes Nunes Coelho				67		26			93	2
EM Laura Fabri					26	53	105	65	249	4
EM Octavio Soares							69	78	147	2
EM Zumbi dos Palmares							144	44	188	2
Total de alunos	653	126	774	295	381	269	1321	452		
Total de escolas	7	5	6	6	12	6	15	10		

Nessas variações e desdobramentos, o ano seguinte (2011) também foi destaque com uma quantidade considerável no número de visitas. Nesse processo, chamou-me a atenção uma escola, que somente no mês de março levou 549 alunos ao museu. Portanto, perguntamos mais precisamente, o quê impulsionou a Escola Municipal Olegário Maciel a levarem tamanha quantidade de alunos ao Museu da Cidade?

Os anos seguintes (2012, 2013, 2014), observamos uma tendência similar no que tange ao número de visitantes ao Museu da Cidade. Constatamos uma variação de 295 em 2012, 381 em 2013 e uma ligeira queda em 2014 com 269 alunos visitantes. Verificamos que nesse período o destaque foi o ano de 2013 com 12 escolas que visitaram o museu. Como uma “peça fora da engrenagem”, notei também entre as assinaturas de visitantes um grande número de professores de História em setembro de 2013. Por ter lecionado na rede municipal em 2010 conhecia alguns deles e reconheci suas assinaturas no caderno de visitação. Portanto, pude supor que estes professores participaram de algum evento promovido pelo museu e talvez, de algum modo, a instituição proporcionou um processo de aproximação com os docentes da Rede Municipal.

Seguindo mais a frente e imerso na inconstância e nos “mergulhos” propostos pela pesquisa, deparei-me com o ano de 2015, diferentemente dos outros, neste período apenas uma escola da Rede Municipal não visitou o Museu da Cidade e observamos nesse movimento que 1321 alunos estiveram à instituição. Mediante este diagnóstico, procurei o gerente do museu. E a entrevista trouxe-me uma chave de compreensão ao fenômeno.

Mas na verdade, o que aconteceu: nós entramos em contato com a Secretaria da Educação, com o departamento que lidava com as escolas e fizemos uma proposta em conjunto com o departamento, e aí fizemos esse trabalho de catalogar as escolas e fazer um mapeamento e um agendamento para que essas escolas e para que os professores de História também pudessem estar visitando o museu, até por que a maioria dos professores não trabalhava a história local, e com essa ideia de trabalhar a escola local o departamento de ensino da secretaria achou por bem e interessante que os alunos do município, com essa escola de tempo integral, pudesse estar visitando não somente o museu, mas alguns pontos turísticos ou pelo menos já cadastrados como ponto turístico e tombado do município. (Excerto de entrevista com o gerente do Museu da Cidade, p. 1)

No compor da travessia, verificamos nessa fase inicial da pesquisa, que a procura pelo Museu da Cidade, partiu da provocação da própria instituição quando o gerente diz que

Primeiro a gente abriu um programa no Facebook e entramos em contato com as escolas através dos seus emails ou dos seus “Faces” e depois nós fizemos um chamado também com os professores de História, e aí nós fizemos esse tipo de trabalho. (Excerto de entrevista com o gerente do Museu da Cidade, p. 2)

Além do chamado às escolas e aos professores de História por correio eletrônico e redes sociais, o museu promovia encontros no interior da instituição como o evento denominado “Conversas no Museu” e por publicações na mídia local com a matéria intitulada “Tem no museu”.

Nós tivemos uma “Conversa no Museu”, nós tivemos um “Tem no Museu”, e nós fizemos as parcerias com essas escolas para discutir a história local de Governador Valadares, como que ela foi ocupada, como é que esse território existiu antes da ocupação e depois da ocupação, o seu desenvolvimento, a sua sociedade sendo constituída. (Excerto de entrevista com o gerente do Museu da Cidade, p. 2)

Para um melhor entendimento sobre o período que ocorreu os eventos promovidos pelo Museu da Cidade, recorri às notícias na internet. No jornal online “Correio do Brasil”⁸ de 12/04/2012, por exemplo, diz que o Museu da Cidade em parceria com o curso de História da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE) e o mestrado em Gestão Integrada do Território

8 Disponível em < <http://www.correiodobrasil.com.br/historia-conversa-no-museu-comeca-no-dia-17/>> Acesso em 18/05/2017.

da mesma instituição iriam realizar em 17 de abril oito encontros intitulados “Conversas no Museu”. Segundo o editorial, o evento “têm como objetivo a divulgação de trabalhos realizados por egressos, alunos e professores do curso de História e do mestrado em Gestão Integrada do Território que tratem da história da região do Vale do Rio Doce e da cidade de Governador Valadares.”

Mediante a esse primeiro cenário investigativo, pude observar que essa dinâmica provocou novas trajetórias de aproximação entre o Museu da Cidade que guarda parte da História Local e os professores de História que a partir de 2010 viram-se infundidos em um novo currículo que estabelece o ensino de História da cidade de Governador Valadares. Por isso, esse estudo requer um olhar “atravessante, mergulhador e aventureiro” que esteja disposto a não ficar apenas na superfície, mas que possa deflorar em nós o desconhecido da prática curricular dos professores de História da Rede Municipal de Governador Valadares.

- Tensionamentos e disputas na localidade e possíveis confluências entre currículo/museu

Nesse momento do texto, faremos um breve panorama da história de Governador Valadares, de modo a evidenciar os diferentes grupos étnicos e sociais que compõe a construção da memória da cidade. Esse elemento será importante para melhor qualificar nosso olhar sobre as memórias preservadas – ou não – no Museu da Cidade, para que em outro momento da investigação, possamos refletir quais as relações que os (as) professores (as) de História estabelecem com essas memórias em sala de aula e em que medida isso se reflete na programação de suas visitas.

Governador Valadares é a maior cidade da região do vale do rio doce, com uma população de 263.594 habitantes, de acordo com o censo de 2010. A região do vale do rio doce até final do século XIX era composta por uma densa, exuberante e fantástica mata atlântica; lugar de “domínio de várias tribos indígenas, entre as quais as tribos dos temíveis botocudos” (Siman, 1988, p. 18). O nativo que habitava o Sertão do Rio Doce era conhecido naquele período por ser

“[...] devorador de carne humana e senhor de toda aquela dilatada mata, da qual, pelo seu grande número, tem extinto e afugentado outras nações que na mesma habitavam; é por isso temido, respeitado e absoluto dominador daqueles extensos matos”(Rocha, 1995, p. 192)⁹.

A região do rio doce foi mantida como obstáculo natural para o contrabando do ouro e diamantes durante todo o século XVIII. A navegação do rio doce sempre foi um sonho alimentado pelos governos da colônia. Dessa forma, com a queda da extração do ouro na zona mineradora, esse sonho precisava ganhar concretude e assim a região que antes se constitui como barreira natural ao tráfico do ouro, torna-se local que poderia esconder grandes riquezas e desenvolver

⁹ Notícia sobre os nativos que habitavam os sertões do leste de Minas, dada pelo cartógrafo e alferes José Joaquim da Rocha ao Governador da Capitania de Minas Gerais, Dom Rodrigo José de Menezes.

a prosperidade de Minas Gerais (Espindola, 2000, 2005; Vilarino, 2015). Devido as frequentes reclamações dos governos das províncias, em 13 de maio de 1807, em uma Carta Régia o príncipe regente D. João determina o extermínio dos índios botocudos, conhecidos por serem antropófagos e bárbaros. A “limpeza” do rio tinha como central a viabilidade da colonização da temida região do rio doce (Siman, 1988).

A ocupação somente foi possível com a ferrovia inaugurada em 15 de agosto de 1910, na vila de Figueira (hoje Governador Valadares). E a inauguração da estação ferroviária de Figueira potencializou a chegada de comerciantes vindos de várias regiões de Minas Gerais e do Espírito Santo, e também estrangeiros como italianos, espanhóis, libaneses. A chegada da estrada de ferro Vitória-Minas contribuiu também para a fixação da população no povoado de Figueira. (Espindola, 2008, p. 184). No entanto, o povoamento se deu de maneira lenta principalmente em decorrência da insalubridade da região, com a infestação de malária, à ausência de atrativos de riquezas e à falta de infraestrutura para explorar os recursos existentes. A malária foi erradicada pela ação do Serviço Especial de Saúde Pública – SESP, que atuou na região do médio rio doce entre 1942 e 1960.

O crescimento do arraial de Figueira, foi nitidamente observado, a partir da década de 1930. Com esse notório desenvolvimento, no início da década, entrou em curso o processo de emancipação do povoado, que era distrito de Peçanha. Em janeiro de 1938, por decreto do então governador de Minas Gerais Benedito Valadares, Figueira torna-se um município desmembrando-se de Peçanha. Somente em 1942, Figueira aceita mudar seu nome para Governador Valadares. A mudança converge para o projeto de industrialização do país proposto pelo governo de Getúlio Vargas. Nesse novo tempo, “parece que os figueirenses querem esquecer a história de que vai de Figueira a Governador Valadares” (Siman, 1988, p. 101).

Assim, a cidade foi sendo constituída pela relação, lutas e conflitos entre os diferentes atores que compunham o tecido urbano. De tal maneira e parafraseando Siman (2008), nessa cidade, cheia de medos e sonhos, a história ia sendo construída de modo instigante, *labiríntico*, transgressor. Poderíamos encontrar a história nos trilhos da estrada de ferro, no traçado da cidade, no cintilar da mica nos chão dos casebres. Enfim, a história estava na vida, no cotidiano e no desenrolar das cenas vividas pelos trabalhadores da ferrovia, da mica, pelos empalhadores de móveis, comerciantes e pedreiros.

E nesse contexto, poderíamos questionar qual memória é hegemônica no Museu da Cidade? De quem e para quem ele fala? Quais tramas históricas vividas pelos atores da cidade são traduzidas através dos objetos? Na entrevista com o gerente do museu, conhecemos um pouco como foi o início da instituição e qual “história” foi construída naquele lugar.

Olha, na verdade o museu local tem pouco tempo de vida, de existência. Ele é de 83 (década) e existia uma biblioteca publica municipal e existia uma secretaria de cultura que era anexada num órgão chamado Funsec. Então parte do Paulo Zappi, essa história de arrecadar acervo, então ele arrecadou para as particularidades dele, então como ele era funcionário publico, ele levava parte desse acervo que ele tinha para ficar exposto dentro da biblioteca pública municipal, com o tempo, de 82 para 83 (década) a Cinira Santos, que era a secretária na época, fez uma pesquisa

de campo, foi a Juiz de Fora, entendeu como que era para se montar um museu, quais eram os critérios... e aí ela montou uma equipe e essa equipe foi a campo, diretamente nessas famílias ricas e tradicionais e assim que começa a coleção do acervo do museu de Governador Valadares. (Excerto de entrevista com o gerente do Museu da Cidade, p.3)

As famílias ricas e tradicionais, mais conhecidas como “pioneiras” tem ainda uma forte representação na cidade. Seus sobrenomes são evidenciados em nomes de ruas, edifícios e monumentos. No entender de Siman (1988, p. 65),

Pioneiros e forasteiros assim eram denominados e se auto-denominavam os que chegavam à Figueira. Pioneiros são aqueles que vêm da região, trazendo suas famílias, suas posses, suas raízes, e vão se estabelecendo no comércio e nas terras locais. Os forasteiros são aqueles que chegam de fora, peregrinando, de mãos vazias, sem sobrenome, solteiros e desagregados de suas raízes e que oferecem a sua força de trabalho à ferrovia ou aos donos das terras e comércio.

Cumpramos salientar que, os museus são a um só tempo: lugares de memória e de poder. A relação estreita entre estes dois conceitos nos leva a compreender que toda e qualquer instituição museológica circula em suas veias, corpos e anticorpos, memória e contramemória, seres vivos e mortos. Por isso, todo museu apresenta determinado discurso sobre a realidade. E nessa arena de conflito e campo de tradição e contradição, fica explícita a ideia de que esse espaço não é neutro e apolítico de celebração da memória daqueles que alardeiam os louros da vitória (Chagas 2015, p. 32). Sobre estes aspectos, o gerente do museu explicita-nos sobre sua tentativa de tornar o museu uma instituição mais plural.

Então, o que a gente tinha no museu era muito esse olhar de uma camada da sociedade. Ao longo desse meu tempo lá na gestão do museu a gente conseguiu trabalhar a ideia de que museu é um lugar onde guarda a memória, e a gente guarda a memória de todos os setores da sociedade. Também fizemos uma campanha de doação de acervo para o Museu da Cidade, então eu acredito que hoje, nós temos um museu mais plural que é a memória da sociedade local [...] e poder incluir todas essas pessoas, que, por exemplo, que não entravam nas estatísticas de acervo do museu, parteiras, carroceiros, carregadores de água, o próprio índio. Então nós temos, leiteiros, carroceiros, lavadeiras de roupas, que pegavam suas roupas, iam para beira do rio no São Tarcísio lavar suas roupas (Excerto de entrevista com o gerente do Museu da Cidade, p.3)

Dessa forma, ressaltamos que o museu por ser um lugar de memória não é isento de conflitos, e lutas de interesses, configurando-se, então em formas de violência simbólica que se uniformizam e se silenciam mediante a pluralidade desses diversos grupos. Assim, entendemos que um *museu de cidade*, seja capaz de captar as tramas históricas vividas pelos diversos atores e traduzi-las em novos conhecimentos e interpretações sobre a cidade. Através dos objetos expostos ali, pode-se iluminar fatos novos ou desconsiderados e repensar a história como um campo de possibilidades.

- Peço licença para terminar, mas ainda sem concluir.

Encontrei todas as respostas?

Certamente que não.

A partir dos primeiros resultados, observamos os movimentos do museu em relação a si próprio, instigando professores e escolas por meio de atividades, convites e publicações na mídia local a levarem seus alunos com mais frequência à instituição. Movimento centrípeto, que provocou novas trajetórias de conhecimento histórico da cidade e engendraram outras formas de entender e experienciar a identidade e a diversidade local.

Os primeiros achados desnudaram novas maneiras de agir e próximos passos a seguir. Revelou-me mais inquietações e possibilidades. Iluminou mais caminhos encruzilhados pelo currículo de História Local e o museu. E dessas intercessões possibilitou melhor entendimento das disputas identitárias na cidade.

Então, cabe-nos investigar posteriormente, quais os movimentos da escola em relação ao museu. Os variados tipos de forças potencializadoras, provocadas ou não pelo currículo de História Local, que incitaram os professores a procurarem o Museu da Cidade com mais frequência. E quais discursos, descobertas e práticas emergiram da interface entre currículo/museu.

Ainda há espaços em branco, de interstícios a serem preenchidos. Por isso opto pela (in) conclusão deste texto.

A busca continua.

São necessários novos mergulhos e imersões,

Nesse mar de mistérios que é a pesquisa.

Mergulho persistente, tímido, mas destemido, ousado.

Curioso, atiro-me nessa aventura...

- Referências

ESPINDOLA, Haruf Salmen. **Sertão do Rio Doce: navegação fluvial, acesso ao mercado mundial, guerra aos povos nativos e incorporação do território de floresta tropical por Minas Gerais 1800-1845**. 2000. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia.

ESPINDOLA, Haruf Salmen. **O Sertão do Rio Doce**. Bauru: EDUSC, 2005.

GINZBURG, C.. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARQUES, W. **O quantitativo e o qualitativo na pesquisa educacional**. Avaliação, Campinas, ano 2, n.3 (5), p. 19-32, set. 1997.

ROCHA, José Joaquim da. **Geografia histórica da capitania de Minas Gerais; descrição geográfica topográfica, histórica e política da Capitania de Minas Gerais. Memória**

Histórica da Capitania de Minas Gerais. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995, p.192.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE GOVERNADOR VALADARES (SMED). **Caderno de Diretrizes Curriculares 2 (Identidade e Diversidade)**, 2010.

SIMAN, Lana Mara de Castro. **Memórias sobre a história de uma cidade: a História como labirinto.** Educação em Revista [online]. 2008, n.47, pp.241-270.

SIMAN, Lana Mara de Castro. **A História na Memória: uma contribuição para o ensino de história de cidades.** 1988. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 1988.

VILARINO, Maria Terezinha Bretas. **Da lata d'água ao SESP: tensões e constrangimentos de um processo civilizador no Sertão do Rio Doce (1942-1960).** Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.



5 Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

Realização



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO



Apoio



UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coparticipação

FADECIT.
FUNDAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO
DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
MINAS GERAIS